



A relação entre a utilização dos vídeos digitais e as diversas experiências no ambiente educacional

Karina Yuki Matsuguma ¹

Universidade Estadual de Campinas

<http://lattes.cnpq.br/1114444406795921>

Tainara Kelly Leite Vieira

Universidade Estadual de Campina

<http://lattes.cnpq.br/0541407276810050>

Giulia Conte

Julia Faria Salek

Victor Teixeira Faria

Resumo

Com a evolução tecnológica crescente e consistentemente presente na realidade diária, sendo pelo uso da internet, aparelhos eletrônicos, etc, a possibilidade e a necessidade de introdução destes materiais digitais nos meios educacionais vem se tornado parte essencial do aprendizado de novas gerações a partir dos materiais didáticos elaborados e muitas vezes mediatizados pelo vídeo digital.

Palavras-chave

Educação. Vídeos digitais. Ambiente educacional.

¹Graduação em andamento em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas.

INTRODUÇÃO

Com a evolução tecnológica crescente e consistentemente presente na realidade diária, sendo pelo uso da internet, aparelhos eletrônicos, etc, a possibilidade e a necessidade de introdução destes materiais digitais nos meios educacionais vem se tornando parte essencial do aprendizado de novas gerações a partir dos materiais didáticos elaborados e muitas vezes mediatizados pelo vídeo digital.

Esta essencialidade da adaptação às demandas tecnológicas e dos meios de comunicação é citado por Rosa Fischer que afirma:

O importante aqui é sublinhar que todas essas mídias, do rádio à internet e à televisão, têm um caráter de onipresença, tornam-se cada vez mais essenciais em nossas experiências contemporâneas, e assumem características de produção, veiculação, consumo e usos específicos em cada lugar do mundo. Interessam-nos, então, os materiais e os sujeitos produtores e usuários dessas mídias, aqui no Brasil; mais ainda, interessam-nos os modos de apreender os fatos da cultura, pelos mais jovens, modos que assumem particularidades quando vistos a partir do olhar de educadores, no cotidiano das vivências escolares. (FISCHER, 2007. p. 4)

Portanto, ao considerar que a cultura infantil se permeie na exploração e consumo destas mídias digitais, e não só as gerações atuais mas as mais antigas também, “De fato, já é assim há muito tempo. Já nos anos 1960, era patente que as crianças ficavam mais tempo olhando televisão do que na escola.”(BUCKINGHAM, 2010, p.42) o trabalho pedagógico requer adaptação pelo meio do aproveitamento de utilização de tais mídias como uma ferramenta na possibilidade de dialogar com os conteúdos educacionais abordados pelo docente.

Entretanto, no contexto atual de desigualdades sociais, levando em conta principalmente a realidade brasileira, este trabalho se torna um desafio ao considerar que cerca de 30% da população brasileira não possui acesso à internet, de acordo com a pesquisa divulgada pelo Cetic em 2019. Outro estudo realizado pelo movimento Todos pela Educação em 2017 mostra que 66% dos professores da rede apontaram o número insuficiente de equipamentos como limitador no uso dos recursos tecnológicos no ensino. Estas e outras dificuldades demonstram

diferentes realidades nas quais o uso da tecnologia como uma ferramenta deve ser repensada para que a acessibilidade seja possível em comunidades mais carentes.

RELAÇÃO COM A BNCC

Estas dificuldades têm sido pouco a pouco superadas, assim a era tecnológica ocupa um espaço cada vez maior dentro dos sistemas educacionais, tornando-se parte do cotidiano de alunos e professores. Esta renovação não se dá apenas como um acontecimento natural e inevitável, mas também como algo edificado por diversas políticas públicas.

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um dos documentos que fundamenta e estrutura o ensino dentro das escolas, através de diversas diretrizes e políticas públicas, possui alguns trechos mencionando as tecnologias e como elas devem ser um suporte, ferramenta, solução, etc, dentro da educação.

Situa-se na introdução da BNCC¹, que as tecnologias devem ser utilizadas para:

“Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.” (BRASIL, 2017)

Este encaminhamento engloba todas as tecnologias, mas como este trabalho trata da produção de material didático através do vídeo digital, necessita-se a compreensão do vídeo como aquela tecnologia utilizada para compreender o mundo da forma que apresentada no enxerto acima.

Além disso, na introdução da BNCC explica como a seleção, produção, aplicação e avaliação dos recursos didáticos de tecnologia (que foi denominado neste trabalho como vídeo) podem apoiar o processo de ensino e aprendizagem, principalmente ao levar em consideração

¹ Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#introducao> Acesso em 30/05/2020

a criança, seu bairro, sua cidade, e todo o contexto que o engloba, assim tornando-se um material realista e com significado.

Portanto, a BNCC apoia profundamente o uso de vídeos dentro de sala de aula como um material didático. Mas é válido ressaltar que há pontos positivos e negativos deste uso, que precisam ser discutidos pela comunidade escolar, e principalmente pelo corpo discente, que são aqueles que selecionam e produzem os materiais.

POTENCIALIDADES E DIFICULDADES

Assim como todos os recursos didáticos, o vídeo digital também possui potencialidades e dificuldades que devem ser levadas em consideração no planejamento de sua utilização em sala de aula.

Uma das primeiras potencialidades existe justamente pelo motivo de que o vídeo digital é geralmente muito atrativo para os alunos de todas as idades, e o poder desse instrumento é tomar a atenção de cada estudante. Quando utilizado da maneira correta, traz uma sensação muito boa de relação da ficção com o que estão vivendo e aprendendo naquele momento:

“Vale lembrar aqui que em todas as pesquisas de recepção, com crianças e jovens de diferentes camadas sociais, a grande preferência quanto a programas de televisão é a de narrativas ficcionais: filmes, telenovelas, seriados, minisséries, desenhos animados. Não importa o endereçamento explícito, se os programas são destinados ou não a públicos infantis e juvenis. O que conta é o desejo de ver e ouvir histórias. É como se todos buscassem naquelas narrativas um pouco da sua própria história, da história de seus afetos e medos, de seus desejos e sonhos.” (FISCHER, 2007. P.295)

Ou seja, o uso dessa ferramenta permite estabelecer relações interessantes com o que está sendo estudado e que potencializam este ensino, por conta da ampla diversidade de opções que ela nos oferece. Assim, o professor tem em mãos um material muito forte e abrangente, que se trabalhado corretamente, traz grandes contribuições com o que está sendo visto pelos alunos.

Além disso, o vídeo digital pode ser usado como material de análise em si, sem a necessidade de criar relações com outros temas, e este movimento desenvolve no aluno uma

potencialidade muito importante de reflexão e de “crítica” que pode levar consigo em vários momentos da vida. Trabalhar a reflexão sobre qual a intenção de certa ação, para quem se destina, quais ferramentas se utiliza e etc., é essencial na vida de cada sujeito.

É claro que a utilização do vídeo digital também traz algumas dificuldades consigo que devem, também, ser analisadas. Muitas vezes, o uso deste recurso é visto como uma substituição da aula, como em casos em que o professor grava o conteúdo ou utilizada alguma gravação já existente para exibir aos alunos e assim, não precisar discutir em sala de aula. Esta visão é extremamente equivocada e necessita de um cuidado especial, pois, na realidade o vídeo digital deve ser utilizado como um material que auxilia no desenvolvimento das aulas e que nunca poderá substituir a relação de professor e aluno que ocorre durante aulas presenciais, em que se pode discutir, tirar dúvidas, e proporciona um ensino muito mais completo e eficiente.

O conhecimento do professor em relação às tecnologias é outra questão importante, já que muitas vezes surge a necessidade de uma formação continuada que o auxilie a ter uma maior compreensão destes materiais para que sejam utilizados corretamente. É necessário que antes de tudo o professor tenha conhecimento de quem são seus alunos, o contexto social, intelectual, o ano escolar e muitas outras variantes, para que assim, possa selecionar com mais precisão qual tipo de vídeo será trabalhado. Em segundo lugar, deve-se pensar em como será trabalhado, será uma análise do próprio vídeo? Será uma relação com algum assunto estudado? Será um projeto de criação baseado neste vídeo?. Quando o professor tiver isso muito bem definido, poderá seguir em frente na escolha adequada.

A grande questão é que muitos professores, principalmente os que atuam a mais tempo, não sabem muito bem como lidar com toda essa tecnologia e/ou não acreditam que ela seja uma boa ferramenta para ser utilizada em sala de aula.

O ceticismo dos professores quanto a tecnologia se dá, principalmente, pela falta de formação e cursos tecnológicos para esses profissionais, ocasionando em uma utilização da

tecnologia restrita, ou seja, apenas para preparo de rotinas e de materiais didáticos, e não para um auxílio no aprendizado dos alunos. Nota-se, também, a falta de professores na formulação de reformas educacionais, as quais unifiquem a educação e a tecnologia.

O problema, ele argumenta, não é que os professores sejam inflexíveis, mas que a grande maioria das reformas educacionais – inclusive as dirigidas pela tecnologia – são implementadas sem o envolvimento ativo dos próprios professores. Uma reforma educacional duradoura, segundo Cuban, deve envolver os professores como agentes de liderança, não só como consumidores ou distribuidores de planos vindos de outro lugar. (BUCKINGHAM, 2010. P. 41)

A tecnologia dentro das escolas pode ser vista como uma ampliação pedagógica, dada a diversificação de aprendizagem que esse recurso proporciona. Todavia, o uso desses recursos por vezes são restritos à *sites* específicos e orientados por professores, causando uma sensação de frustração comparado à tecnologia utilizada fora das salas de aula. Com isso, alunos que dependem da internet da escola, ou seja, que possuem apenas essas redes restritas são mais uma vez prejudicados perante a ideia de uma *autonomia digital*, visto que as crianças que possuem acesso a uma rede ilimitada podem se desenvolver mais profundamente.

Em comparação com as complexas experiências multimídia que algumas crianças têm fora da escola, muitas das atividades em sala de aula parecem desestimulantes. Os alunos com Internet em casa têm a tendência, como usuários dessa tecnologia, de desenvolver um forte senso de autonomia e autoridade, e é exatamente isso que lhes é negado na escola. (BUCKINGHAM, 2010. P.44)

A obsolescência planejada e a falta de financiamento para jogos educacionais digitais, causam um desencorajamento no investimento de recursos tecnológicos nas escolas, contudo a educação midiática e o letramento digital possuem o objetivo de estimular uma compreensão do funcionamento da mídia, não só de forma sistemática, mas como forma de promover reflexões do senso crítico, a partir do conhecimento em avaliar as informações (verídicas ou não), ampliando a aprendizagem informal com base em jogos, vídeos, artigos, etc, assim como intensifica a comunicação interpessoal com as salas de bate-papo e chats. Portanto, fica claro que a utilização de recursos tecnológicos nas escolas atualmente e a preparação dos professores para o uso destes é imprescindível para uma educação que acompanhe o nosso tempo.

EXPERIÊNCIAS POSITIVAS E NEGATIVAS COM OS VÍDEOS DIGITAIS EM SALA DE AULA

A partir das leituras e diálogos durante a elaboração do trabalho, foram surgindo algumas memórias sobre algumas experiências vividas durante a graduação relacionadas ao uso do vídeo digital em diversas situações, tanto aquelas vistas como coerentes e enriquecedoras quanto aquelas que tiveram pouca contribuição para o processo de ensino-aprendizagem. Como as experiências individuais são importantes referências na formação docente, foi considerado relevante o registro de algumas narrativas que abordam a perspectiva, impressões e reflexões sobre o que cada integrante do grupo experienciou.

Primeiro Estágio de Anos Iniciais do Ensino Fundamental - E.E. Edson Luís Lima Souto - Experiência da Karina Yuki

Na proposta do estágio de Ensino Fundamental é demandado que os estagiários desenvolvam com a sua turma uma prática de intervenção, uma atividade para fazer com os alunos. Eu fiz meu estágio em uma escola chamada E.E. Edson Luís Lima Souto em 2018 em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental I. Foi uma experiência muito importante na minha formação docente e vários fatores contribuíram para isso, um deles foi ter uma professora bastante aberta às propostas e intervenções que eu fazia e que tinha uma relação muito boa com os alunos. Aquele foi o meu primeiro estágio da graduação e eu estava com muito medo de como seria o desenvolvimento da minha atividade com a sala. Felizmente, outra pessoa da minha turma também estava fazendo estágio naquela sala e pudemos desenvolver o nosso projeto juntas.

Por conta de algumas falas e comportamentos por parte dos alunos, percebemos o quanto muitos dos preconceitos (como racismo, homofobia e machismo) estabelecidos na nossa sociedade estavam presentes e pensamos que o espaço de desenvolvimento da nossa atividade pudesse ser uma oportunidade para que dialogássemos sobre este tema. Somos mulheres, mas não somos dos outros grupos sociais atingidos, então um jeito que encontramos para “dar voz”

a uma pessoa que tenha experiências próprias de vida para contar suas dificuldades e necessidades foi por meio do vídeo. No YouTube existem diversas pessoas que abordam estes assuntos e contam sobre suas vivências e preconceitos que sofrem, além disso também apresentam possibilidades de uma interação mais humana e colocam argumentos importantes para se construir relações de maior respeito entre as pessoas.

Escolhemos passar para os alunos o vídeo de uma mulher lésbica que não apresenta a aparência do que é considerado o padrão de beleza feminino. Com o cabelo curto, óculos redondos e camisetas largas, ela conta que muitas pessoas a confundem com um homem. Neste vídeo ela conta a “Teoria das Caixinhas”, sobre o fato de que todos recebemos ao nosso nascimento uma caixinha de menina ou uma caixinha de menino. Ela, apesar de ter recebido a de menina, sempre achou a de menino mais interessante, mais legal e foi com esta que ela interagiu durante a infância e isso fazia com que as pessoas achassem que ela fosse um menino. Pessoas perguntavam com frequência aos seus pais: “É um menino ou uma menina?”. Roupas, brinquedos, aspirações, comportamentos, estão todos dentro de caixas que são dadas às crianças desde bebês, e se elas não seguem são criticadas e ofendidas.

Nosso objetivo era de abrir um diálogo sobre estes estereótipos que foram criados e que dificultam a construção de relações respeitadas entre as pessoas. Este material foi bastante importante para conseguirmos apresentar alguns conceitos sociais e dialogar com as crianças.

Disciplina de Estágio durante a suspensão das atividades presenciais - Experiência da Julia

Neste momento que estamos vivendo de isolamento social e com as aulas presenciais suspensas, os professores e os alunos precisaram se reinventar e se adaptar à essa nova forma de se relacionar dentro das disciplinas da universidade.

A maioria das disciplinas que estou cursando este semestre optaram por manter encontros semanais ou quinzenais nos horários das aulas, para discutir assuntos relevantes para a disciplina e para o que estamos vivendo, com o intuito de não perder o contato com a universidade e com a produção acadêmica. Este movimento ocorre de maneira mais fácil para disciplinas que são em sua totalidade teóricas e muitos professores têm passado textos, filmes e vídeos para auxiliar nas discussões em sala. Mas e em disciplinas que exigem parte prática?

Eu tive a experiência de estar matriculada em uma disciplina de estágio de ensino fundamental neste semestre, e a professora trouxe boas alternativas para a discussão sobre a observação de estágio, mesmo que ainda não tenhamos uma previsão de quando isso será possível.

Esta professora apresentou um vídeo que deveria ser assistido antes de um encontro online para que pudéssemos discuti-lo. O vídeo em questão é um curta chamado “Corvos” (<https://vimeo.com/127929026>), que mostra um personagem entrando em uma obra de Van Gogh, e assim, experienciando as sensações de estar dentro do mundo do pintor, a época, as pessoas e até mesmo os questionamentos e pensamentos do artista, já que o personagem consegue o encontrar e conversar com ele. Este movimento de entrar no mundo de quem está sendo observado, de sentir e vivenciar ao máximo estas sensações são extremamente importantes durante a observação em um estágio em sala de aula, para que se possa desenvolver atividades e interações significativas para todos.

Este foi um exemplo muito bom do uso de vídeo digital dentro de uma disciplina, já que faz refletir e compreender a importância da observação participante durante um estágio. Apesar de não ser possível realizar o estágio presencialmente neste momento, já é praticável, com o auxílio de um vídeo, a ação de reflexão e uma certa preparação para o momento insubstituível do estágio em escolas.

Visitas da disciplina de Metodologia do Ensino Fundamental - Experiência da Giulia

Durante a realização da disciplina EP153, a professora pediu para que as alunas realizassem cinco visitas em alguma escola pública de Campinas. Com isso, realizei as minhas visitas na EMEF Raul Pila, na qual fui designada a acompanhar as aulas da professora de Artes de turmas de 4º e 5º anos.

Na turma de 5º ano, pude acompanhar o projeto em que as crianças faziam um mini jogo de futebol com isopor. Já na turma de 4º ano, os alunos eram designados para a sala de informática, a qual constava com diversos computadores, e por mais que os computadores já fossem antigos, a maior parte deles funcionava normalmente. No entanto, todas as aulas de Artes desta turma, se transformaram em aulas livres para os alunos brincarem nos computadores, mesmo tendo jogos pré-selecionados, houve uma falta de organização, visto que ao invés de separarem uma disciplina, a qual as crianças pudessem assistir a filmes e/ou vídeos relacionados a própria disciplina de Artes, as crianças ficavam com aulas livres.

Com este exemplo, é notável a falta de preparo de algumas escolas e como elas mesmas acabam reforçando a ideia de que a tecnologia serve como lazer, negando a promoção de atividades digitais educativas.

Filme Madame Satã - Experiência da Giulia

Na disciplina de Seminário de Integração Curricular, o professor que ministrava decompôs as semanas do semestre por tópicos a serem discutidos, e em uma das semanas havia o tópico “Diferenças”, ao qual constava com o diálogo entre textos sobre racismo e o filme Madame Satã.

Durante o semestre o filme deveria ser visto em casa, mas após queixas de alguns alunos, o professor compreendeu que nem todos os alunos teriam acesso à um computador ou a uma internet que suprissem a necessidade que o filme exigia. Com isso, o professor decidiu passá-lo durante sua disciplina. Todavia, eu já havia assistido em casa, logo assisti o filme duas vezes,

uma em minha casa, outra durante o período de aula, desse modo pude ter as duas experiências com um material digital, no primeiro sozinha e no outro, em conjunto, com os colegas de sala e o professor.

Quando se tem essas duas perspectivas, nota-se a relevância de ter materiais digitais (como vídeos), dentro das salas de aula, pois ao assistir o filme na sala juntamente com o professor o diálogo entre o texto e entre o filme foram mais evidentes, e com o auxílio do professor foi possível um maior entendimento de situações importantes do filme.

Este exemplo nos permite observar que com recursos tecnológicos bem preparados, é possível atentar-se uma maior imersão dos alunos para com a disciplina ministrada, de forma leve e simples, apresentando a educação e a tecnologia de forma concomitante.

Matéria de estágio mediatizada pelo vídeo digital - Experiência da Tainara

A minha primeira matéria de estágio foi com uma professora que envolvia todos os tipos de materiais didáticos possíveis, desde textos acadêmicos, a livros infantis, fotografias, objetos variados, música, e claro, vídeos (como curtas, filmes etc). Às vezes em uma única aula, ela envolvia diversos destes materiais, e por mais que às vezes não conseguíamos enxergá-los conectados, sempre havia uma conexão que depois de uma profunda reflexão conseguíamos encontrar, e fazia total sentido.

Foi uma das disciplinas em que mais tive que usar a construção crítica, para poder juntar todas as peças diversas do quebra-cabeça que se chama educação em uma só figura. Os vídeos que essa professora trazia à sala de aula, muitas vezes transmitiam sentimentos que não eram expressos nos textos acadêmicos, ou traziam situações que passam despercebidas na rotina, mas que necessitam ser levantadas, por nós pedagogos.

Desde tal experiência, percebo a importância do vídeo digital como material didático, e como ele suscitará outras reações, do que um livro didático, por exemplo. E pretendo utilizar o vídeo digital como material didático no exercício de minha prática como pedagoga.

Ressaltando que, a escolha deste material tem que ser condizente com o contexto dos alunos daquela sala de aula, e necessitam ter o mínimo de coerência. Pois, por um lado que tive esta ótima vivência, já me foi apresentados vídeos incoerentes e muito difíceis de interpretação em sala de aula, que até hoje não os compreendo, assim desqualificando o poder tão positivo desta variedade de material didático, que é possível se ter em sala de aula.

CONCLUSÃO

Com este trabalho foi possível perceber que inserir os recursos tecnológicos nas práticas pedagógicas e na dinâmica escolar demanda toda uma transformação de pensamentos e comportamento, mas que é imprescindível. Diferentemente do que é possível identificar no desenvolvimento das práticas educacionais ao longo da história, de um intenso conservadorismo e manutenção de práticas tradicionais, este estudo mostrou que adaptação e mudança são ações eminentes à constituição de uma educação de grande potência. O ambiente está em constante transformação e é uma atitude de irresponsabilidade para com a formação das pessoas que a escola negligencie suas novas demandas.

Neste contexto, a educação tecnológica é uma dimensão fundamental para que seja desenvolvida uma formação integral e adequada nas escolas para o exercício da cidadania na atual sociedade. Práticas importantes como acesso às informações sociopolíticas e econômicas, comunicação, entretenimento e tantas outras, hoje, envolvem e exigem que as pessoas sejam capazes de utilizar os recursos tecnológicos. Para além da constituição de habilidades mecânicas, ainda assim importantes, de utilização destes instrumentos, é fundamental que haja,

também, o ensino da dinâmica de funcionamento e as diversas formas de interpretação daquilo que é apresentado.

Com a facilidade de compartilhamento de informações proporcionado pelas redes sociais, existe uma alta exposição a conteúdos muitas vezes inadequados ou enganosos. O desenvolvimento de uma consciência crítica relacionada à capacidade de interpretação das linguagens verbais e não verbais divulgadas precisa ser valorizado e incorporado às práticas educacionais, uma vez que está diretamente vinculado à construção de valores e perspectivas de compreensão do funcionamento da dinâmica social. De acordo com aquilo que vê na televisão ou postagens que lê nas redes sociais, as pessoas formam as opiniões e pensamentos que vão orientar seu comportamento e, conseqüentemente, sua atuação dentro da sociedade.

A excessiva exposição a padrões de beleza, de valorização de uma estética humana em detrimento da outra, por exemplo, impactam desde a percepção do sujeito sobre a sua própria imagem até as tomadas de decisão de grandes empresas de cosméticos e entretenimento. Uma educação que aborde e explicita a existência de todo um sistema bem articulado entre os diversos meios de comunicação, disponíveis nos celulares e televisões que participam intensamente de seus cotidianos, torna-se essencial para proporcionar às pessoas a oportunidade de constituírem suas próprias convicções independentemente das intenções do sistema.

Com isso, os vídeos digitais se apresentam como importantes ferramentas a serem aproveitadas pedagogicamente. Levados para dentro das salas de aula, os vídeos podem levar consigo as vozes, histórias, experiências e reflexões, ou seja, perspectivas diversas e distintas daquelas intensamente disseminadas nas grandes mídias. É possível dar espaço para um surdo, por exemplo, contar uma história infantil, ou levar um filme que exerça a função de promover a representatividade para crianças que em grande parte da sua vida não se identifica com aquilo que assiste em casa.

Os vídeos podem e devem ser utilizados como materiais didáticos, pois apresentam um amplo potencial ainda desvalorizado nas escolas. Esta perspectiva negativa acerca deste instrumento é um reflexo de referências muitas vezes inadequadamente praticadas. O intuito da inserção deste material não é o de substituição da aula presencial, este trabalho não tem a intenção de defender a apresentação de vídeos retirados da internet ao invés do exercício pedagógico baseado em explicações e diálogo entre professores e alunos. Os vídeos são potenciais materiais a serem utilizados pelos professores e por serem materiais didáticos precisam ser pensados e incorporados como tal nos planejamentos pedagógicos.

Não é adequado, então, que quaisquer vídeos sejam levados para as salas de aula e sejam apresentados como uma forma alternativa de prática educativa e esta é uma responsabilidade importante que o professor precisa cumprir. Para que uma prática adequada seja possível, portanto, a formação docente inicial e continuada é uma parte essencial. Sem uma formação que possibilite conhecimento e reflexão sobre a cultura e os recursos tecnológicos, os professores dificilmente se sentirão capazes de romper com os modelos tradicionais de aula e inserir materiais alternativos, como os vídeos digitais, em sua prática. E, aqueles que o fizerem raramente aproveitarão todo o potencial de participação que estes materiais podem proporcionar.

Assim como em todo planejamento pedagógico, a escolha dos vídeos a serem utilizados como materiais didáticos carrega uma responsabilidade político-pedagógica. Como já mencionado, existe um conjunto gigantesco de vídeos disponíveis e, por isso, são necessários critérios de seleção dos mais adequados. Os vídeos escolhidos precisam estar relacionados aos objetivos de aprendizagem estabelecidos e aos conteúdos trabalhados, apresentar a possibilidade de discussões e construção de novos conhecimentos e ser adequado à capacidade de sua compreensão pelos alunos.

Os vídeos digitais, portanto, apresentam potenciais importantes para a construção de uma educação mais coerente com as constantes transformações sociopolíticas, apesar das dificuldades apresentadas nos diversos contextos sociais permeados por fortes desigualdades e desafios sociais.

Reflexão: pandemia do COVID-19

No contexto atual de crise causada pela pandemia do COVID-19, as tecnologias têm sido apresentadas como principais meios de manutenção das atividades escolares. Sem a possibilidade de aglomerações e contatos sociais, as escolas estão fechadas e todos os estudantes em suas casas. Em diversos contextos, as vídeoaulas, diferentemente do que foi defendido neste trabalho, estão substituindo as aulas presenciais. Em muitos casos, sem a formação necessária para manusear câmeras e editar vídeos, os professores estão sendo submetidos a exercer seu trabalho, sua prática pedagógica na construção de aulas remotas. Este posicionamento está sendo ainda bastante criticado, principalmente em relação à Educação Infantil, uma vez que é constitucionalmente defendido que a Educação Básica deve ser desenvolvida presencialmente.

Como na educação as referências e experiências passadas orientam a reflexão e o planejamento de novas práticas, este período tem se apresentado como um grande desafio. Estamos vivendo em condições nunca antes vividas, então não existe, ainda, vivências nas quais possamos nos basear para decidir quais ações devem ser tomadas. Além disso, ainda não se tem uma previsão de retorno das atividades escolares e o posicionamento de transmissão dos conteúdos escolares pela internet e pela televisão é extremamente irresponsável e ineficaz, considerando que grande parte da população brasileira não possui acesso aos recursos tecnológicos necessários e os professores estão produzindo e trabalhando sem uma formação adequada.

Porém, toda essa situação caótica de ensino remoto, também tem inspirado professores em projetos pertinentes com seus alunos, como no caso da professora Liliam Ricarte. Ela, como professora de educação infantil, buscando manter a sala conectada, introduziu a ideia das crianças de suas próprias casas construírem uma hortinha, que futuramente, será transferida para escola. Além disso, as crianças precisam fazer vídeos de sua hortinhas, mantendo, assim, remotamente o vínculo entre os colegas de classe e a professora, que compartilhavam entre si os vídeos (tudo mediado pelos pais e responsáveis). O projeto finalizou-se na produção de um vídeo² com todos os alunos. Esta foi uma referência importante de uma prática pedagógica coerente com as especificidades da educação infantil, durante este momento caótico de pandemia. Aproveitando o potencial que os recursos tecnológicos apresentam, em especial o uso do vídeo digital, foi possível o estabelecimento de um contato, ainda que remoto, entre toda a turma, o desenvolvimento de atividades pedagógicas, a construção de um material coletivo e um registro significativo tanto para as crianças quanto para a professora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BUCKINGHAM, David. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, dez. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=317227078004>. Acesso em: 21 maio 2020.

CETIC. Comitê Gestor da Internet no Brasil (org.). **Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros**. 2019. Disponível em:

² Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?time_continue=2&v=mhOfnjHYTs&feature=emb_logo Acesso em 04/06/2020

<https://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/12225320191028->

[tic_dom_2018_livro_eletronico.pdf](#). Acesso em: 29 maio 2020

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 35, p. 290-299, ago. 2007. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-

[24782007000200009&lng=pt&tlng=pt](#). Acesso em: 21 maio 2020.

MANARIN, Adriana. **O QUE PENSAM OS PROFESSORES BRASILEIROS SOBRE A TECNOLOGIA DIGITAL EM SALA DE AULA?** 2017. Todos Pela Educação. Disponível

em: <https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/O-que-pensam-os-professores->

[brasileiros-sobre-a-tecnologia-digital-em-sala-de-aula](#). Acesso em: 29 maio 2020.